

IDENTIFICAÇÃO, AGRESSIVIDADE E COOPERAÇÃO: OPERADORES DE LEITURA PARA UMA COMPREENSÃO DO TEMA DOS SEMELHANTES EM FREUD

IDENTIFICATION, AGGRESSIVENESS AND COOPERATION: READING OPERATORS FOR A COMPREHENSION OF THE THEME OF SIMILARS IN FREUD

Daniel Kazahaya¹

Resumo: A partir da obra freudiana, é investigada a participação do semelhante na constituição psíquica. Os textos freudianos indicam a presença de três elementos fundamentais nos encontros com semelhantes: identificação, agressividade e cooperação. Esses elementos foram utilizados como operadores de leitura. O artigo explora um percurso teórico no qual Freud desenvolve um panorama sobre o tema do semelhante e sua participação na constituição psíquica, relacionando-o com elementos que vão desde a organização do desejo à constituição do Eu, passando pela formação social, além de diferenciar e especificar a participação do semelhante como distinta das figuras parentais.

Palavras-chave: Freud. Semelhantes. Constituição psíquica. Operadores de leitura. Psicanálise.

Abstract: From Freud's work, the participation of similar in the psychic constitution has been investigated. Freudian texts indicate the presence of three key elements in encounters with the similar: identification, aggressiveness and cooperation. These elements have been used as reading operators. The article explores a theoretical way in which Freud develops a broad panorama on the subject of the similar and its participation in the psychic constitution, relating it with elements ranging from the organization of the desire to the constitution of the Self, through social shaping, as well as differentiating and specifying the participation of the similar as different from the parental figures.

Keywords: Freud. Similar. Psychic constitution. Reading operators. Psychoanalysis.

¹Psicanalista, mestre em psicologia da educação e do desenvolvimento humano, IP-USP. Coordenador da especialização em Clínica Psicanalítica "De Freud a Winnicott" pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS e professor pela Universidade de Guarulhos - UNG. E-mail: danielkazahaya@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

As teorias refletem sua própria época e as subjetividades decorrentes dela. É uma evidência marcante o fato de a cultura agir sobre as subjetividades e elas, por sua vez, influenciarem decisivamente as teorias dos sujeitos. No momento em que a civilização ocidental passa por transformações profundas em sua organização social, com implicações psíquicas dos laços familiares, a teoria psicanalítica alarga suas margens para contemplar fenômenos que outrora es-

tiveram relegados a um segundo plano (KAËS, 2011). É o caso do estudo dos semelhantes.

Entende-se que, na atualidade, o tema dos semelhantes na constituição psíquica vem ganhando crescente destaque – não somente pelas questões socioculturais de formações de grupos, mas, especialmente, pelo enfraquecimento de outras figuras familiares e sociais, especialmente a figura paterna, ao que comumente se denomina declínio da função paterna.

Freud erigiu a teoria psicanalítica sob a égide do pai, e enfatizou o complexo de Édipo como o grande divisor de águas na constituição psíquica. Com esse enfoque, o fundador da psicanálise explorou largamente a problemática dos semelhantes na constituição subjetiva, chegando mesmo a afirmar que o coletivo e o individual são intrinsecamente inseparáveis, delineando uma importância fundamental ao social marcado pelo semelhante.

Neste artigo, busca-se fazer uma leitura do semelhante na obra de Freud trazendo o tema para um primeiro plano, de modo a especificar, caracterizar e analisar a participação dos semelhantes na constituição psíquica. A apresentação também buscará traçar um percurso no qual Freud relaciona o semelhante ao estabelecimento do social e à formação do Eu; além de diferenciar e especificar a participação do semelhante na constituição psíquica como distinta das figuras parentais.

Este artigo não pretende fazer uma análise cronológica dos textos freudianos, nem uma releitura exaustiva do tema, mas utilizar alguns textos importantes sobre o tema do semelhante que auxiliam a pensar em sua importância na constituição psíquica.

Ao longo da revisão bibliográfica dos variados textos de Freud, além de outros autores e pesquisadores que abordam a temática do semelhante, três elementos se destacaram por surgirem constantemente nessa temática. São eles: a identificação, a agressividade e a cooperação. Assim, optou-se por uma escolha metodológica: a de analisar e examinar os textos à luz dessas noções. A identificação, a agressividade e a cooperação serão utilizadas como operadores de leitura.

Identificação e agressividade são termos consagrados de uso psicanalítico. A cooperação, porém, é de uso corrente na Etologia e na Psicologia do Desenvolvimento. O termo não é utilizado com frequência pela psicanálise e foi empregado aqui por melhor representar o conjunto de fenômenos que envolvem os semelhantes em um tipo de organização social que implica a colaboração, a união, um pacto de ação mútua, no qual é necessário lidar com as demandas do outro respeitando o uso comum de espaços. Com a cooperação, estamos buscando encontrar elementos comuns em conceitos e ideias trabalhadas pelos autores. Em Freud isso surge, por exemplo, como a “formação reativa”, a “disputa amigável”, o “colaborador”, o “ajudante”, e mesmo na metapsicologia, em questões como o “Super-eu” e o “Ideal do Eu”, entre outros.

2 IDENTIFICAÇÃO, AGRESSIVIDADE E COOPERAÇÃO

2.1 O SEMELHANTE COMO *NEBENMENSCH*

Freud abordou o semelhante ao longo de toda a sua obra, tanto nos textos ditos sociais quanto nos textos clínicos. São encontradas diversas considerações sobre o semelhante e sua participação na constituição subjetiva. O tema do

ARTIGO

semelhante surge na obra de Freud já em 1895, no *Projeto de uma psicologia científica*, no qual o autor trabalha o *Nebenmensch* enquanto “semelhante” e “assistência alheia”, ao qual já atribuía grande importância ao afirmar em sua famosa frase que “o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais” (1977, p. 422).

O tópico trabalhado por Freud nesse ensaio se refere à análise da “experiência de satisfação” (*Befriedigungserlebnis*), na qual ele realça a importância atribuída a um semelhante, *Nebenmensch*, como sendo aquele encarregado pela organização do desejo do *infans*, e ao qual seria relacionado o favorecimento da primeira experiência de satisfação. Freud afirma que:

O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. (FREUD, 1977, p. 422).

Conforme sugere Chatelard (2004), a definição de *Nebenmensch* (*Neben*: ao lado de, e *Mensch*: homem ou ser humano) se aproximaria mais de “uma primeira potência ou força, aquele que trouxe ao bebê a primeira satisfação (assim como o desprazer)” (p. 354). Nesse sentido, esse “humano ao lado” seria aquele fundamental para o aflorar da percepção do bebê.

Nessas primeiras considerações, Freud enfatiza a participação desse semelhante “experiente”, que pode se situar no mesmo patamar que o *infans* por meio da identificação, isto é, pode se remeter a um estado infantil anterior. Daí os primeiros traços de sua ênfase no semelhante (experiente, que pode cuidar de um *infans* e se identificar com ele). Porém, esse semelhante é apresentado por Freud como “assistência alheia”, que está “ao lado”, isto é, não está acima, nem está abaixo, é o semelhante que se coloca no mesmo patamar que o *infans* – para então contribuir com a satisfação de sua necessidade, é colaborador. O *infans* emite o grito, expressão bruta de seu estado de excitação que, sozinho, não advém com significado. É preciso que outro semelhante, ao lado do *infans*, possa acolher o grito numa significação que o insira na ordem do desejo, da satisfação – que nunca é total e é sempre buscada.

2.2 O SEMELHANTE COMO TERCEIRO

Em um segundo momento, em *Totem e tabu* (1990a), Freud apresenta os irmãos, semelhantes, e toda a problemática deles em torno do pai da horda. O autor apresenta, portanto, um sujeito que vai se estruturar em relação a um terceiro (pai da horda primitiva), que surge como obstáculo às satisfações do sujeito, desdobrando, a partir desse mito, a ideia do complexo de Édipo. Então, Freud está apontando esse semelhante como aquele que vai engendrar a lógica da constituição subjetiva e da formação social com os membros da fraternidade.

Ao colocarmos lado a lado esses dois caminhos trabalhados por Freud – o do semelhante enquanto *Nebenmensch* e, posteriormente, como terceiro que surge como obstáculo às satisfações do sujeito –, estamos evidenciando que as questões pré-edípicas e edípicas sempre estiveram em questão na obra de Freud. Porém, a partir de sua prática clínica e de sua problemática teórica voltadas em grande parte à questão das neuroses, pode-se dizer que trabalhos do fundador da psicanálise sobre o semelhante privilegiam o sujeito já estruturado em relação a um terceiro (pai da horda primitiva), isto é, o sujeito que

responde ao complexo de Édipo. É a partir das questões edípicas, preferencialmente (ressalta-se: não exclusivamente), que Freud vai trabalhar o semelhante. O entrelaçamento desses caminhos repercute na trajetória deste artigo, pois os argumentos utilizados oscilam entre esses aspectos.

No citado texto de 1990a, Freud busca analisar o encontro com os semelhantes, irmãos da horda primitiva, em referência ao pai da horda. Pai opressor e gozador onipotente, que subjuga os demais à exclusão e à submissão. Assim, no ato do assassinato do pai da horda, os semelhantes se unem, formam um grupo, inauguram a coletividade por meio de um ato violento que replica a atitude do pai. Porém, esse ato coletivo fraterno é realizado mediante uma nova instrumentalização, e com consequências distintas. Nessa instrumentalização, que permeia toda a problemática do encontro dos semelhantes, identificam-se três elementos principais, sendo eles: a identificação, a agressividade e a cooperação. Conforme será discutido a seguir, são esses três fatores que marcam a novidade na horda primitiva.

O assassinato do pai não foi somente uma renovação da estrutura primitiva, mas uma inovação no social, no encontro com os semelhantes. Assim, é a constante lembrança do pai morto que possibilita a articulação da cultura e da civilização, mas foi um ato fraterno que a instaurou.

Constata-se na obra freudiana que essa instrumentalização (identificação, agressividade e cooperação) propicia uma articulação entre os sujeitos, que funda o encontro com o semelhante e forja o laço fraterno. A fraternidade, nesse sentido, dá sustentação à falta do pai mítico, e inaugura uma aliança social agora marcada pela lei e pela impossibilidade do gozo total e imediato.

Sozinho, o indivíduo não podia reivindicar seu direito frente ao pai da horda opressor, mas com o auxílio (nesse sentido, também se utiliza o termo cooperação) dos semelhantes ele pôde garantir inclusive a sua individualidade. Consequentemente, encontramos em Freud o entrelaçamento do coletivo e do individual.

Em suas duas principais obras sobre o social e o coletivo, *Totem e tabu* (1990a) e *Psicologia das massas e análise do eu* (1990b), o autor aponta que o nascimento do individual parte do coletivo, e que ambos interagem constantemente. Desse modo, o estudo psicanalítico do singular passa necessariamente pelo coletivo:

Na vida anímica individual, aparece integrado sempre, efetivamente, 'o outro', como modelo, objeto, auxiliar ou adversário, e, desse modo, a psicologia individual é, ao mesmo tempo e desde o início, psicologia social, num sentido amplo, mas plenamente justificado. (FREUD, 1990b, p. 7).

Em *Totem e tabu* (1990a) Freud trabalha o singular do neurótico obsessivo junto ao coletivo das instituições para realizar uma possível leitura psicanalítica da gênese social. Nessa leitura, a análise da sociabilidade se dá por meio de interpretação e analogia. Assim, seguindo a lógica do sintoma, Freud estabelece analogias do totemismo e do tabu com a neurose obsessiva, que culminam numa interpretação similar: a atitude emocional ambivalente para com o pai e o desejo de exclusividade afetiva e sexual com a mãe.

2.3 O SEMELHANTE EM “O MITO DO ASSASSINATO DO PAI DA HORDA PRIMITIVA”

O autor trabalha sua hipótese sobre o evento inaugural do social e a gênese do sujeito introduzido na cultura por meio da construção do *mito do assassinato do pai*. Para tal elaboração, reúne a interpretação psicanalítica do totem² com a refeição totêmica³ e com as teorias darwinianas do estado primitivo da sociedade humana⁴.

Utilizando-se desses recursos, Freud articula o mito:

Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. Unidos, tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem-sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente. [...] Selvagens canibais como eram, não é preciso dizer que não apenas matavam, mas também devoravam a vítima. O violento pai primevo fora, sem dúvida, o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos; e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força. A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria, assim, uma repetição e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas da organização social, das restrições morais e da religião. (FREUD, 1990a, p. 145).

O pai da horda era a posição fixa dentro do circuito de possibilidades do grupo, ocupando o lugar de total poder, prazer e usufruto das fêmeas e da caça. Aos demais machos cabia, então, a total submissão ou a exclusão do grupo.

Pelo real que a natureza impõe, havia certamente rotatividade na ocupação do lugar de pai da horda e, assim, geração por geração, ao longo do tempo, esse movimento foi possibilitando aos demais machos adquirirem determinadas instrumentações em nível pessoal e grupal, que possibilitaram uma inovação no grupo: o ato coletivo.

O ato conjecturado por Freud foi o assassinato do pai pelo grupo dos demais machos. O mito do assassinato do pai é construído devido à dinâmica social encontrada naqueles povos considerados primitivos (FREUD, 1990a), os quais poderiam remeter aos primórdios da humanidade. Nesses povos, Freud entende que o totemismo ocupa o mesmo lugar que as instituições religiosas e sociais da atualidade, e considera que o totemismo e o tabu perpassam necessariamente a história de qualquer povo. Suas características fundamentais estão sempre presentes: a ambivalência emocional e o horror ao incesto.

A substituição do pai não se deu no embate entre dois machos pelo total poder do grupo. O assassinato foi executado pelo grupo dos demais machos da horda. Foi isso que marcou a novidade no circuito de substituições do pai da horda.

Portanto, já nessas leituras, Freud está indicando uma participação do semelhante na constituição do sujeito. Freud diz que “teria sido impossível realizar (o crime) sozinho”, ou seja, é a partir do outro semelhante com quem se identifica em seu desamparo e na subjugação ao poder do pai que o indivíduo encontra os meios para se haver com o pai da horda. Novamente, é com esse indivíduo que ele se identifica, é onde ele percebe que “há um semelhante que está nessa condição igual à minha”, ele é “modelo e objeto”.

Voltando ao assassinato do pai da horda, temos que o fundador da psi-

canálise segue as pistas sintomáticas para lapidar os detalhes do assassinato inédito: horror ao incesto, culpa, ambivalência emocional, arrependimento. O *mito científico* freudiano “faz emergir a história humana como trágica, a partir do sentimento de amor e ódio em guerra contínua” (TEIXEIRA, 2002, p. 196).

Freud dá ordem à dinâmica psicanalítica:

Odiavam o pai, que representava um obstáculo tão formidável ao seu anseio de poder e aos desejos sexuais; mas amavam-no e admiravam-no também. Após terem-se livrado dele, satisfeito o ódio e posto em prática os desejos de identificarem-se com ele, a afeição que todo esse tempo tinha sido recalçada estava fadada a fazer-se sentir, e assim o fez sob a forma de remorso sentido por todo o grupo. (FREUD, 1990a, p. 147).

A ambiguidade e o conflito de emoções são as marcas do acordo social entre os semelhantes: justamente aquele que é meu rival e ameaça meu lugar é a quem eu devo me unir para me possibilitar um campo subjetivo.

O assassinato coletivo trouxe uma impossibilidade: o lugar de pai onipotente não pode ser ocupado por todo o grupo assassino e nem por apenas uma outra pessoa, o que restabeleceria a ordem do pai. Funda-se a primeira lei, que marca a impossibilidade do gozo, inaugura a falta e o desejo: ninguém mais pode ser onipotente, é necessário considerar o outro.

2.4 O SEMELHANTE COMO MODELO, OBJETO, AUXILIAR E ADVERSÁRIO

Conforme foi anunciado acima, a possibilidade de mudança da horda primitiva para a ordem social advém de uma instrumentalização adquirida pelos membros da horda primeva. Tais características que possibilitaram o ato grupal do assassinato e a introdução ao possível coletivo são as mesmas características que dão sustentação à rede social já pressupostas na citação acima de *Psicologia das massas e análise do eu* (1990b). Retomando a característica do “outro”, Freud sugere suas particularidades: “modelo, objeto, auxiliar ou adversário” (FREUD, 1990b, p. 7).

A primeira delas, o outro enquanto *modelo*, serve à identificação que, no mito da gênese social, advém, num primeiro momento, no sentido de desejar o lugar do pai na horda, tomar as mulheres para si, assim como adquirir todas as demais vantagens e atribuições desse lugar no grupo. A primeira identificação, para Freud (1990a), certamente foi em relação ao pai. Podemos pontuar que a manutenção dessa ordem grupal se dava principalmente por essa identificação, na forma de “esperança” de os demais machos virem a ocupar o lugar dele. Com os filhos identificados apenas com o pai, o circuito social – ou mais propriamente nesse caso, o circuito de transição de posições dentro da horda primitiva – apontava necessariamente apenas para um caminho traçado pela identificação vertical: tornar-se o novo pai da horda. Identificação que ressurgiu, inclusive, nos fenômenos de massa. Conforme sugere o autor em *Psicologia das massas e análise do eu* (1990b), “o pai primitivo é o ideal da massa, e esse ideal domina o indivíduo, substituindo nele seu ideal de Eu” (FREUD, 1990b, p. 81).

Mas como o lugar onipotente era transmitido apenas ao jovem mais forte, aqueles não tão afortunados, de um modo ou de outro, passaram a identificar-se entre si, o que possibilitou a reunião e o ato grupal. Provavelmente, ao longo das inúmeras sucessões de pais da horda, uma nova identificação foi sendo

possibilitada por meio de pequenos vislumbres de que a agressividade trazia em seu interior um potencial para a cooperação.

Na fase posterior ao assassinato, o espectro de identificações se ampliou. Algo da ordem da empatia permitiu que os machos se situassem em diferentes posições grupais, o que já delimitava uma introdução ao simbólico. Puderam saber, além da impossibilidade de ocupar o lugar do pai morto, localizar no outro aquilo que eles mesmos carregavam: impossibilidade de onipotência, pelo receio de reviver o final trágico do pai, e renúncia à submissão do outro.

O reconhecimento do pai pode ser considerado um progresso nesse sentido. Conforme indica Melman (2003), Freud, em *Moisés e o monoteísmo* (1996), estabelece a passagem do reconhecimento da mãe para o reconhecimento do pai como um progresso, pois há uma mudança da evidência para a crença. O autor (2003) comenta que o matriarcado estaria fundado na evidência e na positividade e, desse modo, estaria ligado ao natural (animal) como presente no campo da realidade, “sem nenhum mistério, mas em seu próprio poder, sua própria autoridade” (p. 79). Melman (2003, p. 79) aponta que, no matriarcado, “mãe e filho são suficientes, então, para assegurar a continuidade de uma cadeia de gerações que, assim, tem a vantagem, vemos bem, de ser sem mistério”. Assim, nessa lógica, o pai está presente apenas como acessório, pois o que é necessário ao filhote está encarnado na mãe, ela é o próprio falo⁵. Portanto, tais seres estão inseridos no campo do imaginário.

É com a introdução do pai – enquanto intermediador da simples natureza animal da mãe com o filho – que se sustenta o mistério: a ordem simbólica, pois o lugar do pai, impossível de ser novamente retomado após o assassinato na horda, desloca radicalmente a instância fálica (MELMAN, 2003). Assim, o autor comenta que, no patriarcado, “ela (a instância fálica) não é mais parte prenante do campo da realidade. O pai se tornou não mais a encarnação, mas o representante dessa instância” (MELMAN, 2003, p. 80). É nesse sentido que o semelhante advém como parceiro para sustentar essa ordem patriarcal, isto é: onde a natureza animal tem de ceder à impossibilidade, torna-se simbólica. Freud também cita o semelhante enquanto *auxiliar ou adversário* (cooperação e agressividade). A violência que marcou o ato coletivo é o que possibilitou criar uma estrutura social e mantê-la. Estrutura alavancada pela identificação e pela cooperação, onde a agressividade se torna um intermediador social.

Essas características – identificação, agressividade e cooperação – perduraram por todo o desenvolvimento social, conforme Freud mostra em *Totem e tabu*. Tomando o assassinato do pai para trabalhar as questões relativas aos semelhantes, temos que, antes do ato mítico, o que predominava era o ódio compartilhado e o desejo de matar. Logo após o assassinato, a situação que se seguiu foi, de certo, desconcertante: os irmãos, agora com as mãos manchadas de sangue, enfrentam a culpabilidade e o arrependimento (TEIXEIRA, 2002).

Por muito tempo depois, os sentimentos sociais, que constituíram a base de toda a transformação, continuaram a exercer uma profunda influência no desenvolvimento da sociedade. Encontraram expressão na santificação do laço de sangue e na ênfase dada à solidariedade por toda a vida dentro do mesmo clã. Garantindo assim a vida uns dos outros, os irmãos estavam declarando que nenhum deles devia ser tratado por outro como o pai fora tratado por todos em conjunto. (FREUD, 1990a, p. 149).

É em relação ao assassinato do pai que Freud vai articular uma série de

pressupostos sobre a convivência dos semelhantes. Assim, a organização social estava marcada por essa questão. A autoria do assassinato estava diluída no grupo, mas a continuidade após a morte do pai não poderia se dar num simples “lavar as mãos”, apagar as marcas do confronto com o interdito onipotente. A saída que os filhos tiveram foi dar um passo à frente com os demais participantes e *tornarem-se irmãos*. Freud, ao se lançar em seu empreendimento de investigação forense, interroga os filhos sobre o porquê desse novo laço fraterno, marcado pelo horror ao incesto e pela ambiguidade emocional.

2.5 O SEMELHANTE E O LAÇO FRATERNAL

Percebe-se que o fundador da psicanálise interpreta o laço fraterno e descobre que as marcas de sangue ocultas pelo tempo ainda se fazem presentes, impregnadas no sacrifício necessário para se estabelecer uma ordem social: o sacrifício de abandonar o desejo onipotente de ter todas as mulheres do clã e manter a figura metafórica do pai primevo como intermediador do gozo e da onipotência.

É de se notar que a criatividade dos irmãos ainda era restrita aos primórdios da simbolização. Logo, a ideia mais óbvia para a manutenção e o restabelecimento de algum tipo de ordem não poderia ser muito diferente daquilo que já conheciam os irmãos: manter a figura do pai morto marcando seu infortúnio, como ameaça sempre presente, e abandonar aquilo que fora causa de sua “desgraça”: a não consideração pelos demais machos e o todo-poder no usufruto do grupo e das mulheres. “O pai morto tornou-se mais forte do que o fora quando vivo” (FREUD, 1990a, p. 147).

O pai primevo, que antes marcava o interdito pela sua real existência, foi a inspiração dos filhos para a instauração do acordo social. Nesse percurso investigativo, seguindo a sua análise do totemismo, Freud concilia a gênese do social com o desenvolvimento de seus constructos teóricos acerca do sujeito:

Anularam o próprio ato proibindo a morte do totem, o substituto do pai; e renunciaram aos seus frutos abrindo mão da reivindicação às mulheres, que agora tinham sido libertadas. Criaram assim, do sentimento de culpa filial, os dois tabus fundamentais do totemismo que, por essa própria razão, corresponderam inevitavelmente aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo. Quem quer que infringisse esses tabus tornava-se culpado dos dois únicos crimes pelos quais a sociedade primitiva se interessava. (FREUD, 1990a, p. 147).

Desse modo, vemos que é a referência ao pai que possibilita o ato fraterno que resulta na instauração da ordem social. Daí, Freud elabora um desenvolvimento social que segue essa lógica:

À proibição, baseada na religião, contra a morte do totem juntou-se então a proibição socialmente fundamentada contra o fratricídio. Foi somente muito depois que a proibição deixou de limitar-se aos membros do clã e assumiu a forma simples: ‘Não matarás!’ A horda patriarcal foi substituída em primeira instância pela horda fraterna, cuja existência era assegurada pelo laço consanguíneo. A sociedade estava agora baseada na cumplicidade do crime comum. (FREUD, 1990a, p. 150).

ARTIGO

Em seu resgate histórico, Freud analisa essa evolução dos laços humanos, do fraterno ao parentesco, chegando à vida familiar. Em algumas regiões da Ásia, ainda na época de Freud, o parentesco implicava a participação numa substância comum que deve ser constantemente renovada. Não basta apenas nascer de uma mãe e partilhar de seu corpo e leite, o laço deve ser frequentemente renovado no ato de comer e beber juntos (FREUD, 1990a). O parentesco seria mais antigo que a vida familiar. Vemos, por exemplo, que é o ato grupal do clã totêmico o que garante a identidade do sujeito:

Nos tempos mais remotos, o próprio animal sacrificado fora sagrado e sua vida, intocável; só podia ser morto se todos os membros do clã participassem da morte e partilhassem da culpa na presença do deus, de maneira que a substância sagrada pudesse ser produzida e consumida pelos membros do clã, garantindo assim sua identidade uns com os outros e com a divindade. (FREUD, 1990a, p. 142).

O totem é a lembrança viva do pai, que dialoga com o tabu. A ressurgência do tabu marca o sintoma da ambivalência e um acordo entre dois impulsos conflitantes (FREUD, 1990a). É o tabu que reinaugura em cada intervenção o pacto de cooperação e não agressividade do social, marcado pela identificação. O que podemos constatar nesta obra freudiana é que a identificação, a cooperação e a agressividade propiciam uma articulação entre os sujeitos que, reverenciando o pai, fundam o laço fraterno. A fraternidade, nesse sentido, inaugura uma aliança social que é o articulador que dá sustentação e organização às relações sociais.

Conforme explica Freud, “A horda patriarcal foi substituída, em primeira instância, pela horda fraterna”: houve uma transição – com ênfase para o semelhante. A essa questão, aponta-se um comentário de Renné Kaës :

A partir de *Totem e tabu*, o interesse de Freud pela questão da proibição entre irmãos e irmãs estabelece um segundo eixo de pesquisa: ele articula a organização dos laços fraternos e das relações do grupo dos irmãos com a organização das relações sociais. O tema da horda dos irmãos, da aliança dos irmãos, do clã dos irmãos ligará de uma maneira eficaz a problemática edípica, a superação da inveja e da ambição na identificação ao semelhante e a formação da comunidade de direito. (2011, p. 29).

Na articulação social, faz-se necessária uma mudança de postura na relação entre os sujeitos, que passam a interagir da posição de filhos de um pai para a posição de irmãos, marcados pelo ato grupal que os identifica e os une. É a lembrança do pai que sustenta e serve de referência à lei, e sobre esse fundamento ela é introduzida e perpetuada pelos irmãos.

Os temas da identificação, da cooperação e da agressividade surgem de modo mais claro nesses dois textos freudianos, *Totem e tabu* (1990a) e *Psicologia das massas e análise do eu* (1990b). No entanto, o autor abordou essas questões a partir de outros pontos de vista em diversos outros textos. Assim, serão ainda examinados os textos *O inquietante* (2010c), *O futuro de uma ilusão* (2010d), *O mal-estar na civilização* (2010e), *Luto e melancolia* (2010b), *O Eu e id* (2011) e *Introdução ao narcisismo* (2010a), nos quais essas questões são abordadas, porém, a partir de outras noções – a exemplo do “inquietante”, da “formação reativa”, do “desamparo” e do “Ideal do Eu”.

3 ABORDAGENS SOBRE O SEMELHANTE NA OBRA DE FREUD

3.1 O SEMELHANTE COMO *UNHEIMLICH*

Em *O inquietante* (2010c), Freud está trabalhando uma problemática do semelhante nas experiências *Unheimlich*, as quais o autor atribui “ao que é terrível, ao que desperta angústia e horror” (p. 329). Freud realiza uma metódica exploração quanto ao sentido de *Unheimlich*, buscando encontrar tanto as origens e evoluções da palavra quanto analisar o mecanismo do que seria o *Unheimlich*. Nessas pesquisas, Freud encontra que o *Heimlich* é um termo que vai se desenvolvendo em direção a uma ambivalência, até encontrar seu contrário, o *Unheimlich*, que seria também, de certo modo, seu *Heimlich* (p. 340).

A interpretação que Freud dá para os fenômenos *Unheimlich* está ligada ao ressurgimento do que fora muito próximo e familiar, mas recalcado – e que, ao retornar nas diversas experiências, provoca o *inquietante* (2010c). Sendo que, em várias passagens, essa experiência inquietante estaria ligada ao semelhante, seja na forma de um duplo ou do sócia.

Freud diz que “o duplo foi originalmente uma garantia contra o desaparecimento do Eu” (1919, p. 353), sobre o que, a princípio, Freud concorda com Rank de que estaria ligado à alma imortal, à primeira negação da morte. Porém, o duplo é citado também como aquele semelhante que participaria da identificação nas questões relativas ao pai, numa análise muito similar à de *Totem e tabu*. Em sua citação de Gotthelf, vemos a seguinte demarcação: “Sch. 127, 148; Eis o que é verdadeiramente *Heimlich*, quando o homem sente no próprio coração como é pequenino, e como é grande o Senhor” (FREUD, 2010c, p. 335).

O duplo e o sócia teriam sua importância devida à aparência igual, o que facilitaria os processos de identificação. Freud também enfatiza a gênese da experiência do inquietante nos primórdios da constituição subjetiva. Ele diz que:

Essas concepções surgiram no terreno do ilimitado amor a si próprio, do narcisismo primário, que domina tanto a vida psíquica da criança como a do homem primitivo e, com a superação dessa fase, o duplo tem seu sinal invertido: de garantia de sobrevivência passa a inquietante mensageiro da morte. (FREUD, 2010c, p. 352).

E relaciona essa experiência inquietante inclusive à formação de uma instância responsável pela vigia do Eu, de auto-observação e autocrítica. Nas fases posteriores da libido, o duplo pode ressurgir, e assim Freud afirmava que:

No Eu forma-se lentamente uma instância especial, que pode contrapor-se ao resto do Eu, que serve à auto-observação e à autocrítica, que faz o trabalho da censura psíquica e torna-se familiar à nossa consciência [estado de consciência] como consciência [consciência moral]. No caso patológico do delírio de estar sendo observado, ela torna-se isolada, dissociada do Eu, discernível para o médico. (FREUD, 2010c, p. 352).

Assim, Freud atribuía ao duplo um recuo a períodos iniciais da formação do sentimento do Eu, onde não havia uma nítida delimitação do Eu contra o mundo externo e contra os outros. Este seria um ponto fundamental do inquietante, ou seja, um período onde o outro, semelhante, fora tão próximo ao ponto

ARTIGO

de ser confundido com o próprio Eu, mas que agora retorna com angústia, pois está recalcado. Freud relaciona esse recalcado a um “caráter demoníaco” que estaria ligado às “tendências do bebê”, e pondera que “As considerações anteriores nos levam a crer que será percebido como inquietante aquilo que pode lembrar essa compulsão de repetição anterior” (FREUD, 2010c, p. 356).

O artigo “O inquietante” (2010c) foi publicado no mesmo ano em que Freud terminava *Além do princípio do prazer* (1920), ambos os textos orbitando em torno das compulsões à repetição. Freud dá grande ênfase aos estudos de Fechner em fisiologia sobre a tendência à estabilidade, a qual relacionou às sensações de prazer-desprazer. Daí, embasado na questão biológica, Freud atribui a tendência à repetição a uma pulsão distinta que sobrepuja o princípio do prazer.

Então, numa possível leitura, o *Unheimlich* seria a representação daquele semelhante que, ao surgir na vida do sujeito, o remete à tendência à repetição: claramente, remete o sujeito à pulsão de morte. Contudo, este mesmo semelhante é aquele que dá “garantias contra o desaparecimento do Eu”.

Aqui é importante fazer uma observação, pois este tema se aproxima muito do que Lacan (2003) trabalhou sobre o semelhante nos primórdios da constituição subjetiva em sua teoria do complexo da intrusão, pois o intruso que Lacan aborda é trabalhado com essas mesmas características: remete à pulsão de morte e dá garantias contra o desaparecimento do Eu. Lacan, inclusive, é categórico ao afirmar, nesse texto, que o intruso está na “gênese dos sentimentos sociais” (2003).

3.2 O SEMELHANTE NO DESAMPARO E NA DEPENDÊNCIA

Em *O futuro de uma ilusão* (2010d), Freud aborda a questão do social sob a ótica do desamparo. Os seres humanos, em constante ameaça sob as forças da natureza, uniram-se e criaram a cultura. “A tarefa capital da cultura, sua verdadeira razão de ser, é nos defender contra a natureza” (FREUD, 2010d, p. 54).

A cultura, portanto, possibilita a convivência entre os humanos à medida que oferece uma segurança ao desamparo frente à natureza e a tudo aquilo que foge ao controle humano – como, por exemplo, a morte.

O fundador da psicanálise trabalha a ideia de que tal desamparo, apresentado em *O futuro de uma ilusão* (2010d), é análogo à questão do pai em *Totem e tabu* (1990a):

Assim, o motivo do anseio pelo pai é idêntico à necessidade de proteção contra as consequências da impotência humana; a defesa contra o desamparo infantil empresta seus traços característicos à reação contra o desamparo, que o adulto é forçado a reconhecer. (FREUD, 1990a, p. 72).

Numa leitura da obra freudiana, Ceccarelli (2009) comenta que o laço social, criação de Eros, pode ser entendido como uma das soluções do ser humano frente ao desamparo. Propõe que essa solução seja entendida como uma ilusão no sentido freudiano do termo, ou seja, uma crença motivada pela realização de um desejo. Tal ilusão seria fruto de um dos mais fortes desejos da humanidade: a necessidade de proteção por meio do amor. O autor considera que o ser humano, invariavelmente, recorreu a expedientes internos e/ou externos

para lidar com o desamparo constitucional, o período em que o bebê está “em condições de desamparo e dependência” (CECCARELLI, 2009).

Ceccarelli (2009) aponta o que o ser humano parte de uma dependência física da satisfação das necessidades, vitais para que o bebê sobreviva, para a dependência psíquica dos afetos: reconhecimento, amor, palavra, linguagem, etc. (2009). Nesse sentido, a dependência psíquica se expressa nas diversas formas discursivas que oferecem a ilusão de ser confortado e acolhido. O autor considera que “frente à angústia, buscamos alento no mundo interno ou nas construções imaginárias simbólicas: os laços sociais que o mundo externo nos oferece fazem parte dessas construções” (CECCARELLI, 2009, p. 35).

3.3 O SEMELHANTE COMO UM COLABORADOR NO LAÇO SOCIAL

Em *O mal-estar na civilização* (2010e), Freud analisa os laços sociais que permeiam a civilização, considerando que há um mal-estar inerente ao convívio humano. Tal mal-estar estaria localizado no interjogo do plano de felicidade do indivíduo, imposto pelo princípio de prazer, com a segurança oferecida pela sociedade, que delimita o princípio de prazer.

Nesse texto, Freud demarca com clareza a questão das relações com os semelhantes, fundadas e mantidas pela cooperação e pela agressividade. O homem primitivo, diante das impiedosas forças da natureza e da fragilidade de seu corpo, teria encontrado no trabalho e no semelhante a oportunidade de mudar “sua sorte na Terra”.

[...] não podia lhe ser indiferente o fato de alguém trabalhar com ele ou contra ele. O outro indivíduo adquiriu a seus olhos o valor de um colaborador, com o qual era útil viver. Ainda antes, em sua pré-história antropológica, ele havia adotado o hábito de construir famílias; os membros da família foram provavelmente os seus primeiros ajudantes. (FREUD, 2010e, p. 61, grifos nossos).

Assim, em *O mal-estar na civilização*, Freud reafirma aquilo que fora indicado em *Totem e tabu* (1913) – que a “vitória sobre o pai ensina ao bando de filhos que uma associação pode ser mais forte que o indivíduo” (2010e, p. 62). Se a civilização trouxe um aporte seguro frente aos poderes da natureza e à fragilidade do corpo humano, também trouxe um impasse frente às satisfações individuais. Assim, o autor trabalha a ideia de que “a civilização é construída sobre a renúncia instintual” (2010e, p. 61). Portanto, as relações humanas estão marcadas por uma hostilidade primária, que permanentemente ameaça a sociedade de desintegração.

Em busca das satisfações pulsionais, o homem busca exercer frequentemente o seu “plano de felicidade”. Nesse caminho, fará uso da agressividade que fora seu instrumento eficaz já no primeiro ato coletivo de desbancar o pai. Assim, considera:

Cada um de nós vive o momento em que deixa de lado, como ilusões, as esperanças que na juventude depositara nos semelhantes, e aprende o quanto a vida pode ser dificultada e atormentada por sua malevolência. Ao mesmo tempo, seria injusto acusar a civilização de pretender excluir da atividade a luta e a disputa. Estas são imprescindíveis, não há dúvida;

mas oposição não significa necessariamente inimizade, é apenas utilizada como ocasião para ela. (FREUD, 2010e, p. 79, grifos nossos).

Para além da questão da destrutividade, a agressividade é o que permite ao sujeito alavancar seus desejos junto ao social. A “disputa amigável”, como sugere Freud, “não significa necessariamente inimizade”: é justamente com essa agressividade que o sujeito vai engendrar suas questões pulsionais por “polias” sociais, as quais transformarão as energias “brutas” em “sociais”.

Assim, Freud põe em evidência os modos que a cultura utiliza para controlar a agressividade. Segundo ele:

A agressividade é introjetada, internalizada, mas é propriamente mandada de volta para o lugar de onde veio, ou seja, é dirigida contra o próprio Eu. Lá é acolhida por uma parte do Eu que se contrapõe ao resto como Super-eu, e que, como consciência, dispõe-se a exercer contra o Eu a mesma severa agressividade que o Eu gostaria de satisfazer em outros indivíduos. À tensão entre o rigoroso Super-eu e o Eu a ele submetido chamamos consciência de culpa, que se manifesta como necessidade de punição. (FREUD, 2010e, p. 92).

Portanto, aqui, Freud está falando da agressividade que surge no Eu – mas que, não podendo se manifestar, retorna a ele como consciência de culpa.

É em *O mal-estar na civilização* que Freud estabelece um verdadeiro embate da agressividade com a cooperação, no qual o jogo social se dá em torno das renúncias pulsionais nas quais o sujeito precisa liberar um quê de felicidade em troca de segurança – uma relação tensa, que Freud considerou como a maior fonte de sofrimento humano (FREUD, 2010e).

3.4 UM POUCO MAIS SOBRE A IDENTIFICAÇÃO E OS SEMELHANTES

Em *Psicologia das massas e análise do eu* (1990b), Freud aprofunda a análise da identificação e de seu papel na formação das massas e do laço entre semelhantes. Nessa nova investigação sobre o papel da identificação na relação com os outros, retoma o mecanismo estabelecendo-o: “A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo” (FREUD, 1990b, p. 54).

Nesse artigo, o fundador da psicanálise expõe a importância do líder e do ideal nas formações sociais. Utilizando os exemplos das formações coletivas, da Igreja e do exército, Freud trabalha a noção de ideal enquanto o vir a ser representado na figura do líder, que torna o grupo coeso e que abre uma perspectiva futura em diálogo com a alteridade.

Pesquisadores que estudam grupos terapêuticos, como Vitta e Ribeiro (2007), encontram na leitura freudiana de *Psicologia das massas e análise do eu* (1990b) a importância da identificação e da idealização pelo líder na determinação da coesão grupal. Eles consideram que “a massa seria, assim, um produto específico de uma identificação a um único e mesmo objeto” (VITTA; RIBEIRO, 2007, p. 654). Portanto, no texto de 1990b, Freud está trabalhando a identificação onde alguns dos componentes do grupo colocam um só e o mesmo objeto no lugar do ideal do Eu, e a partir daí identificam-se uns com os outros. Partem

da identificação vertical para a horizontal. Segundo esses pesquisadores (2007), a exterioridade do objeto (o líder) seria, para Freud, o que determina a coesão do grupo, marcada numa dimensão imaginária – isto é, que responde à ilusão de completude perdida que determina a busca de um ideal (VITTA; RIBEIRO, 2007, p. 654).

Freud, ao analisar as identificações com os pares edípicos da criança, o pai e a mãe, trabalha a ideia do pai como o primeiro modelo a ser seguido e, ao mesmo tempo, o primeiro obstáculo a ser sentido na interdição da relação amorosa com a mãe, o objeto primordial. Nesse sentido, ele considera:

Primeiro – a identificação é a forma mais primitiva de ligação afetiva a um objeto; – segundo – seguindo uma direção regressiva, converte-se em substituição de uma ligação libidínica a um objeto, como por introjeção do objeto no Eu; – terceiro – pode surgir em todos os casos em que o sujeito descobre em si um traço comum com outra pessoa que não é objeto de sua pulsão sexual. (FREUD, 1990b, p. 56).

Aqui, evidencia-se uma complexização dos encontros com os semelhantes. Diferentemente de *O mal-estar na civilização* (2010e), onde a restrição à agressividade era permeada pelo Super-eu na forma de culpa, aqui a restrição é consequência da identificação, que também abre caminho para a proteção e a cooperação. No mesmo artigo, Freud considera que:

O egoísmo só encontra limite no amor aos outros, no amor a objetos [...] Assim sendo, quando observamos que na massa surgem restrições do egoísmo narcisista, inexistentes fora dela, deveremos considerar tal fato como a prova de que a essência da formação coletiva se baseia no estabelecimento de novos laços libidínicos entre seus membros. (FREUD, 1990b, p. 50-51).

Logo, a essência do social é permeada pela identificação que restringe o egoísmo. Mais além, é o laço entre os irmãos que introduz a possibilidade do amor, de Eros. Se as leis asseguram a impossibilidade do todo poder do outro, isto é, agem a partir da restrição e da punição, por outro lado, a identificação abre caminho para a convivência social, onde é possível o amor.

3.5 SOBRE A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO REATIVA NO TEMA DOS SEMELHANTES

A passagem acima destacada demarca uma nova possibilidade de os irmãos interagirem. Freud usa o recurso da formação reativa para ilustrar essa aquisição. Segundo ele, no âmbito familiar, com o nascimento de um irmão mais novo, o primogênito reage com inveja e ciúme à intrusão do novo membro familiar. Mas, ao perceber a impossibilidade de gozar da exclusividade do amor dos pais, une-se ao irmão numa busca por justiça e igualdade no amor.

O primeiro filho suprimiria ciumentamente o segundo, afastando-o dos pais e despojando-o de todos os seus direitos, mas, ante o fato positivo de que também esse irmãozinho – assim como os posteriores – é igualmente amado pelos pais, e pelo fato de não poder continuar a manter sem prejuízo próprio uma atitude hostil, o pequeno sujeito vê-se obrigado a se identificar com as outras crianças, formando-se então, no grupo infantil, um sentimento coletivo ou de comunidade – que mais tarde, na escola,

sofre um desenvolvimento ulterior. A primeira formação reacional é a de justiça e tratamento igual para todos [...] já que o próprio sujeito não pode ser o preferido, pelo menos que não seja ninguém. (FREUD, 1990b, p. 72).

Neste sentido, Kupfer, Voltolini e Pinto (2010) apontam a importância dos irmãos ou do encontro entre crianças na constituição subjetiva, enfatizando “o que uma criança poderia fazer por outra em grupos terapêuticos de crianças”. Os autores trabalham o sentimento coletivo na leitura freudiana por meio da formação reativa, do ciúme da criança em relação à outra criança colocada por ela como semelhante rival. A criança, ao se deparar com a impossibilidade de eliminar o irmão e obter o exclusivo amor dos pais, pactua sua incapacidade no coletivo: “Se eu não posso, ninguém mais pode”. É a identificação com a criança rival que abre caminho ao sentimento coletivo.

Porque a identificação que aí se constrói é a de semelhantes que precisam irmanar-se, digamos assim, no que lhes falta. Ali todos se solidarizam porque não têm. A identificação se baseia, assim, na marca de uma ausência, o que produz a possibilidade de sustentar a angústia. A agressividade nos grupos não deixará de existir, mas estará reprimida, ressurgindo vez ou outra para ser novamente submetida ao pacto de não agressão, firmado simbolicamente entre os integrantes da fratria humana. (KUPFER; VOLTOLINI; PINTO, 2010, p. 98).

Portanto, essas considerações sobre a formação reativa incidindo nas interações de semelhantes na infância justificam que há, já no convívio deles, os elementos que Freud descreveu sobre os semelhantes adultos, isto é, a identificação, a agressividade e a cooperação.

Também marca uma especificidade do encontro entre crianças, pois, em relação ao *Totem e tabu*, essa análise enfatiza um fator: o ciúme, a inveja primitiva. Explica também a passagem da agressividade para a cooperação em termos de formação reativa. Esse mecanismo introduz o sentimento social na transformação de um sentimento hostil em socialmente positivo de justiça, e estabelece uma barragem da agressividade pelo ideal de Eu (FREUD, 1990b, p. 74).

É nesse sentido que René Kaës (2011) inicia seus questionamentos acerca do laço fraterno como tendo características únicas e diferenciais do complexo de Édipo. Segundo ele, “a saída da rivalidade pela inversão do ódio em aliança dos irmãos contra o pai qualifica a força do ser-juntos, que será buscada em todo o grupo, conforme o modelo da fraternidade” (p. 29).

Numa outra abordagem da identificação em Freud, em “*Luto e melancolia*” (2010b), vemos que o conceito é trabalhado como:

[...] estágio preliminar da escolha de objeto, e o primeiro modo ambivalente em sua expressão, como o Eu destaca um objeto. Ele gostaria de incorporar esse objeto, e isso, conforme a fase oral ou canibal do desenvolvimento da libido, por meio da devoração. (FREUD, 2010b, p. 182).

O autor, ao analisar o mecanismo da melancolia, trata da capacidade do Eu de se identificar com o objeto perdido, havendo uma substituição do amor objetual pela identificação. Tal mecanismo marca a estrutura narcísica. É isso que a melancolia indica: um tipo de escolha objetual narcísica.

Em *O Eu e id* (2011) e em *Introdução ao narcisismo* (2010a), o conceito de identificação é ampliado. A identificação não se restringe somente à perda do objeto, mas surgiria também quando o Id quisesse se desligar de um objeto. A identificação seria uma forma de o Eu atrair para si o “amor” do Id, assumindo características presentes nos objetos com os quais o Id possui ligações libidinais. Assim, o Eu demonstra que também pode ser alvo dessas ligações.

A identificação é uma etapa preliminar da escolha objetal, que é a primeira forma – e uma forma expressa de maneira ambivalente – pela qual o Eu escolhe um objeto. O Eu deseja incorporar a si esse objeto e, em conformidade com a fase oral ou canibalista do desenvolvimento libidinal em que se acha, deseja fazer isso devorando-o. (FREUD, 2010a, p. 255).

Freud vai considerar que o sentimento social, junto à religião e à moral, foram inicialmente uma coisa só, e que passaram a ser considerados como os conteúdos do que é mais elevado no ser humano (deixando de lado a ciência e arte), sendo os dois últimos (religião e moral) uma formação substitutiva do anseio pelo pai (2011). Já os sentimentos sociais estariam relacionados ao dever de superar a rivalidade entre os membros da nova geração (2011).

Freud observa que:

Ainda hoje os sentimentos sociais nascem no indivíduo como uma superestrutura sobre os impulsos de ciúme e rivalidade contra os irmãos. Como a hostilidade não pode ser satisfeita, ocorre uma identificação com o inimigo inicial [...] essa identificação é um substituto para uma escolha objetal terna, que tomou o lugar da postura agressiva hostil. (2011, p. 47).

Fala, portanto, novamente, do sentimento social enquanto uma formação reativa na disputa com os irmãos pelo amor dos pais. Em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (2010a), Freud explora o desenvolvimento do autoerotismo, as catexias narcísicas e objetais. O autor vai considerar que:

Posso ressaltar que estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao Eu não pode existir no indivíduo desde o começo; o Eu tem que ser desenvolvido. As pulsões autoeróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo. (FREUD, 2010a, p. 84).

Observa-se, portanto, a influência exercida pela identificação no processo de formação dos laços sociais. Desde o autoerotismo à escolha de objeto, é a identificação que permite uma “nova ação psíquica” que, em processo com outros, inicia o desenvolvimento do Eu.

Uma vez em andamento, a constituição do Eu dialoga constantemente com o social, os demais semelhantes. A identificação é o fio condutor com o qual Freud articula sua tese do fenômeno das massas. O autor alude também ao complexo de Édipo e à libido, formando uma rede conceitual com a qual explora e aborda as passagens tortuosas do “labirinto” social.

Nessa construção, percebe-se a evolução na relação do Eu com os outros permeada pela identificação. Por meio desse processo, encontramos as delimitações da agressividade e a abertura ao Eros, que se dá na instauração do Ideal do Eu.

3.6 O SEMELHANTE NO TEMA DO IDEAL DO EU E NO EU IDEAL

Freud introduz novas noções para abordar a capacidade do sujeito em realizar a auto-observação, a consciência moral, a censura onírica e a regressão. Freud hipotetiza esse novo constructo teórico com o qual o Eu pode entrar em conflito ou criar um horizonte de busca, a instância que remete o sujeito àquilo que ele gostaria de ser, o ideal do Eu. Numa nota de rodapé, ele esclarece:

Partindo da identificação e através da imitação, chegamos à projeção simpática, isto é, à compreensão do mecanismo que nos permite adotar, em geral, determinada atitude em relação a outras vidas psíquicas. Há também ainda muito assunto a esclarecer nas manifestações de uma identificação já realizada. Entre outras consequências, essa identificação apresenta a de restringir a agressão contra a pessoa com a qual o sujeito se identificou, protegendo-a e a auxiliando. (FREUD, 1990b, p. 59).

Aqui, o autor já conceitualiza aquilo que restringe a agressão, que inaugura o primordial social, e também o subjetivo, por meio do processo de identificação como a primeira relação afetiva e da capacidade de julgar o próprio Eu.

Em *Introdução ao narcisismo* (1914), Freud trabalha a ideia do bebê enquanto continuação narcísica dos pais, representação de imortalidade do Eu dos pais, sendo atribuída a ele toda a perfeição, sem espaço para defeitos e dificuldades. O bebê é apresentado como “*His majesty the Baby*” (FREUD, 2010a, p. 37), onde ele corresponde ao exato lugar de perfeição, Eu ideal, sendo essa fase caracterizada pelo delírio de grandeza do bebê, seu ideal de onipotência. É nesse período, no qual todas as atenções são dirigidas ao bebê, que é formado o Eu Ideal.

A “*Sua majestade o bebê*” (FREUD, 2010a) é o momento em que o bebê se considera como o “tudo” para a mãe. Uma imagem do que o Eu gostaria de ser a todo momento. Não há uma diferenciação entre ele e o mundo. Quando o bebê tem fome, ele chora e consegue comida, quando ele tem frio, chora e é aquecido, e assim o bebê tem a ilusão de que é ele quem satisfaz suas necessidades. Tudo funciona em função do desejo e do prazer do bebê.

À medida que o contato com a experiência proporciona vivências suportáveis e graduais de frustração, esse embate entre a demanda interna e a realidade externa – que coloca em questão a onipotência do bebê – vai, pouco a pouco, contribuindo para delimitar um Eu. Essa estrutura vai sendo forjada aos poucos, quando o sujeito tem vislumbres de percepção da existência de uma realidade maior que ele. Mais tarde, quando essas experiências são processadas, o sujeito tem a oportunidade de perceber uma realidade separada de seus desejos. Consequentemente, aquele estado de onipotência – no qual ele era uma majestade – passa a ser lembrado e desejado nostalgicamente. O sujeito passa a imaginar e desejar ser novamente o que era, ou seja, ele formula um ideal de Eu.

Freud aponta que:

Dissemos que a repressão vem do Eu; podemos precisar: vem do autorrespeito do Eu. As mesmas impressões, vivências, impulsos, desejos que uma pessoa tolera ou ao menos elabora conscientemente são rejeitados por outra com indignação [...]. Podemos dizer que erigiu um ideal dentro de si, pelo qual mede o seu Eu atual, enquanto à outra falta essa formação

ideal. Para o Eu, a formação do ideal seria a condição para a repressão. (FREUD, 2010a, p. 39. Grifos nossos).

Portanto, o Ideal do Eu cumpre uma função de repressão. A formação dessa instância idealizadora eleva o nível de exigências do Eu e favorece essa repressão. Freud, porém, trabalha um outro mecanismo no qual seria possível se oferecer uma saída para cumprir essas mesmas exigências sem envolver a repressão: o mecanismo da sublimação (FREUD, 2010a, p. 113).

3.7 A SUBLIMAÇÃO NO TEMA DOS SEMELHANTES

Laplanche e Pontalis apontam que a sublimação é:

Processo [...] para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu como atividades de sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual, e em que visa objetos socialmente valorizados. (2001, p. 495).

Porém, Freud relaciona a sublimação a poucos indivíduos. Essa seria uma capacidade possível principalmente para alguns intelectuais e artistas.

Ainda trabalhando o tema dos mecanismos das autocensuras, Freud (2010a) elabora a noção de narcisismo, sugerindo que pode haver “uma instância psíquica especial” cuja tarefa é vigiar o Eu e medi-lo a partir de determinados ideais. Em *Luto e melancolia* (2010b), considerou que essa instância era algo à parte do restante do Eu, e responsável por alguns estados patológicos do luto. Em *Psicologia das massas e análise do eu* (1990b), essa separação entre o Eu e a instância julgadora é tornada mais clara. No entanto, o autor enfatiza que não há mais distinção entre o Ideal do Eu e a instância responsável por sua realização. Sendo assim, é como equivalente ao Ideal do Eu que o Super-eu surge pela primeira vez.

Costa (1988) faz uma análise do narcisismo em relação à identificação com ideais, considerando que estes últimos deveriam sempre apontar um futuro, um horizonte a ser descoberto. Costa (1998) realça que o narcisismo é uma instância que procura a síntese, busca uma imagem da totalidade do sujeito e estagna o vir a ser, afastando a diferença. Já o Ideal do Eu, diferentemente do eu narcísico, configura uma imagem idealizada da constituição egoica, situa o sujeito num constante vir-a-ser idealizado e o insere numa perspectiva de futuro. Nessa perspectiva, Costa (1988) pondera que os semelhantes têm uma importante contribuição, já que proporcionariam uma vivência com a diferença, que propicia a alteridade na alternância de posições, e contribui na formação do Eu.

Em *O Eu e o id* (2011), Freud estabelece as origens do Ideal do Eu em termos das identificações iniciais, aquelas que remetem ao “pai da pré-história pessoal” (2011, p. 34). Seria a primeira e mais significativa identificação do sujeito, responsável pelo modo como se darão as suas escolhas objetais.

Enriquez (1991) é categórico ao reafirmar o papel da identificação, ao indicar que o caminho da socialização da personalidade necessariamente passa por ela. Para o autor, “identificar-se equivale a estabelecer um laço de referência com o pai, fato que confere ao sujeito, por sua vez, a capacidade de ser pai”

ARTIGO

(1991, p. 28). Ele trabalha a ideia de dois tipos de identificação, a baseada no amor e a baseada no medo, sendo a primeira aquela que abre espaço à contestação, que permite a possibilidade de reconhecimento do poder como tal e a sua transmissibilidade. Já a identificação pelo medo levaria a uma fusão, um aniquilamento do ser na relação (1991).

Freud considera que o Ideal do Eu seria aquilo que o ser humano tem de mais elevado. É o herdeiro do complexo de Édipo, “expressão dos mais poderosos impulsos e dos mais importantes destinos libidinais do Id” (FREUD, 2011, p. 41). Assim, o fundador da psicanálise aponta que “o que fez parte do que é mais profundo na vida psíquica de cada um se torna, através da formação do ideal, no que é mais elevado na alma humana, conforme nossa escala de valores” (2011, p. 41).

Em *O Eu e o id* (2011), o autor enuncia em termos de “sentimentos sociais” o laço social permeado pelas identificações com base no mesmo Ideal do Eu. Intercala as questões do sentimento de culpa e de humildade, das religiões e da consciência moral como formações substitutas dos anseios pelo pai, ou seja, como derivados do Ideal do Eu. Assim, Freud afirma que os sentimentos sociais estariam embasados “pela obrigação de superar a rivalidade restante entre os membros da nova geração” (2011, p. 47).

Nesse percurso, temos a visão ampliada do desenvolvimento do Ideal do Eu: *His Majesty the Baby* – delírio de grandeza do bebê; *Eu Ideal* – ideal narcisista da infância; *Ideal do Eu* – Eu Ideal mais educação, juízos próprios; *Recalque* – parte da avaliação que o Eu faz de si mesmo.

4 PALAVRAS FINAIS

Acreditamos que os operadores de leitura propostos – identificação, agressividade e cooperação – sirvam de auxílio para a leitura e a compreensão dos fenômenos que envolvem os semelhantes na constituição psíquica. Temos que as considerações freudianas introduzem a novidade do pai enquanto instância intermediadora que sustenta a lógica simbólica e a dinâmica do desejo. Ela regula as interações entre os semelhantes, que passam a responder ao outro semelhante enquanto alguém que reivindica seu espaço e ao mesmo tempo garante a posição do sujeito. Esses aspectos são encontrados ao longo de toda a obra freudiana, incidindo tanto em seus textos ditos sociais como nos clínicos. Vê-se que a metapsicologia, em parte, também é construída em torno dessa questão. Tanto no Ideal do Eu quanto na identificação, no recalque ou na formação reativa, o fenômeno que subjaz é o campo simbólico, marca que introduz a lógica do pai alicerçada pelo semelhante.

NOTAS

² Totem seria o substituto do pai com o deslocamento dos sentimentos deste para aquele. Nesse deslocamento, seguiriam-se os dois principais tabus: não matar o totem e não ter relações sexuais com as fêmeas do clã.

³ Freud conjectura que a refeição totêmica tenha sido a mais antiga tradição da humanidade. É o sacrifício do animal totêmico pelos membros do clã, que posteriormente o serviam numa refeição coletiva.

⁴ Comparação e hipótese darwiniana sobre os primórdios da organização grupal dos humanos comparados aos símios. A horda seria organizada em torno de um “pai violento e ciumento”, que guarda todas as fêmeas para si próprio e expulsa os filhos à medida que crescem.

⁵ Aqui se antecipa a introdução de aspectos trabalhados por Lacan, pois essa antecipação é importante para enfatizar a diferença que a introdução do pai realiza em termos de constituição subjetiva e das relações entre semelhantes.

REFERÊNCIAS

- CECCARELLI, P. R. Laço social: uma ilusão frente ao desamparo. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 31, n. 58, set. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952009000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 abr. 2014.
- CHATELARD, D. S. Algumas considerações teóricas acerca de uma experiência hospitalar. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 4, n. 2, set. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 mar. 2014.
- COSTA, J. F. Narcisismo em tempos sombrios. In: BIRMAN, J. (Org.). **Percursos na história da psicanálise**. Rio de Janeiro: Livraria Taurus, 1988.
- ENRIQUEZ, E. **Da horda ao estado**: psicanálise do vínculo social. Trad. Teresa Cristina Carreiro e Jacyara Nasciutti. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- _____. Totem e tabu (1913). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1990a. v. 13, p. 11-125.
- _____. Psicologia das massas e análise do ego (1921). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1990b. v. 18, p. 89-179.
- _____. Moisés e o monoteísmo (1939 [1934-38]). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 23, p. 15-150.
- _____. Introdução ao Narcisismo (1914). In: **Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Obras completas volume 12**. Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras. 2010a.
- _____. Luto e Melancolia (1917 [1915]). In: **Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Obras completas volume 12**. Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras. 2010b.
- _____. O inquietante. (1919). In: **História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos"): Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Obras completas volume 14**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras. 2010c.
- _____. **O futuro de uma ilusão (1927)**. Tradução Renato Zwick. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d.
- _____. (1930). **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Obras completas volume 18. Tradução: Paulo César de Sousa. São Paulo. Companhia das letras. 2010e. v.18.
- _____. (1923). **O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)**. Obras completas volume 16. tradução: Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das letras. 2011. v. 16.
- KAËS, R. **O complexo fraterno**. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2011. (Coleção Psi-atualidades, 13).
- KUPFER, M. C.; VOLTOLINI, R.; PINTO, N. O que uma criança pode fazer por outra? Sobre grupos terapêuticos de crianças. In: KUPFER, M. C. M.; PINTO, F. S. C.

ARTIGO

N. (Orgs.). **Lugar de vida, vinte anos depois.** Exercícios de educação terapêutica. São Paulo: Escuta, 2010.

LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: LACAN, J. **Outros escritos.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2003.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise.** Tradução Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MELMAN, C. **O homem sem gravidade:** gozar a qualquer preço. Trad. Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

TEIXEIRA, L. C. Função paterna, fratria e violência: sobre a constituição do *socius* na psicanálise freudiana. **Psico-USP**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 195-200, jul.-dez. 2002.

VITTA, A. R. de; RIBEIRO, P. de C. O manejo da identificação imaginária em grupos de psicóticos. **Rev. Latinoam. Psicopatol. Fundam.**, São Paulo, v. 10, n. 4, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142007000400007&lng=en&nrm=iso>. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142007000400007>. Acesso em: 19 mar. 2014.